

Gestão Econômica e Financeira: a Aplicação de Indicadores

Flaviani Souto Bolzan Medeiros
flaviani.13@gmail.com
UNIFRA

Lissandro Dorneles Dalla Nora
lissandro@unifra.br
UNIFRA

Juliana Andréia Rüdell Boligon
juli-adm@hotmail.com
UNIFRA

Elio Sergio Denardin
eliodenardin@hotmail.com
UNIFRA

Lisandra Taschetto Murini
li.adm@ig.com.br
UNIFRA

Resumo: O uso de instrumentos financeiros pode auxiliar no processo de tomada de decisão e evitar problemas de insolvência futuros, onde a aplicação dos princípios econômicos e financeiros através dos dados retirados das demonstrações contábeis fornecem subsídios necessários para um acompanhamento detalhado da situação em que uma empresa se encontra naquele determinado momento. Nesse contexto, este artigo tem como objetivo apresentar a análise realizada em uma empresa de comércio e prestação de serviços através do uso de indicadores econômicos e financeiros nos dados retirados do balanço patrimonial e da demonstração de resultado da empresa. Para isso, estabeleceu-se como objetivo geral realizar a análise econômica e financeira em uma empresa de comércio e prestação de serviços. No que se refere à metodologia, o trabalho classifica-se como qualitativo e quantitativo quanto à natureza, exploratório e descritivo quanto aos objetivos e um estudo de caso no que tange aos procedimentos técnicos. Os resultados demonstram que a empresa apresenta capacidade suficiente de honrar suas dívidas e compromissos de curto prazo apesar dos problemas em relação ao seu giro de estoque, fator este que pode ser trabalhado pela gestão para melhorar o desempenho frente ao mercado.

Palavras Chave: Gestão Financeira - Análise Econômico - Análise Financeira - Índices Financeiros

-



1. INTRODUÇÃO

Aparentemente, uma organização com uma estrutura sólida não significa necessariamente que a mesma não terá problemas de insolvência no futuro. Sendo assim, para evitar possíveis aborrecimentos, se faz necessário o uso de instrumentos financeiros que auxiliam no processo de tomada de decisão, instrumentos estes, fornecidos pela gestão financeira eficiente, que podem ser de grande valia e, se bem utilizados, certamente contribuirão para a eficácia gerencial.

Pode-se considerar que a gestão financeira envolve um conjunto de procedimentos e ferramentas para auxiliar o gestor financeiro de uma empresa no processo de planejamento, análise e controle das atividades financeiras, tendo como propósito, portanto, melhorar e aumentar o valor de mercado dessa empresa e a maximização dos lucros, objetivos estes de seus proprietários ou acionistas.

A aplicação dos princípios econômicos e financeiros através dos dados retirados das demonstrações contábeis, principalmente do balanço patrimonial e da demonstração de resultado, fornecem os subsídios necessários para um acompanhamento detalhado da situação em que uma empresa se encontra naquele determinado momento. Esses índices são de suma importância, visto que, os negócios estão cada vez mais competitivos, obrigando as organizações a se adaptarem rapidamente às mudanças e aderirem às novas tecnologias. Assim sendo, as empresas precisam dispor de instrumentos para a tomada de decisão, bem como alocar seus recursos financeiros de maneira eficiente, escolhendo a melhor alternativa a fim de que possam ter o retorno esperado sobre o capital inicialmente investido.

Nesse sentido, o presente estudo objetivo geral: realizar a análise econômica e financeira em uma empresa de comércio e prestação de serviços. Com o intuito de atingir o objetivo geral e a sua complementação de acordo com as etapas consecutivas, os objetivos específicos são: fazer a análise dos índices de liquidez; identificar os índices de atividade; apontar os índices de endividamento; indicar os índices de rentabilidade e por fim avaliar com base na aplicação desses índices a situação econômica e financeira da empresa em questão.

Este trabalho justifica-se pela sua relevância na aplicação dos índices econômicos e financeiros, bem como, a sua análise nas atividades da administração como forma de avaliar os resultados obtidos provenientes das decisões financeiras tomadas anteriormente, através da comparação dos resultados alcançados com os resultados esperados, visando atingir os objetivos empresariais e, ao mesmo tempo, aumentar o valor de mercado dessa empresa.

O estudo ainda possibilita o conhecimento, para aqueles interessados, sobre a saúde econômica e financeira de uma organização através da comparação entre os diversos índices disponíveis para o diagnóstico, a fim de analisar e monitorar o desempenho da mesma em suas atividades.

2. GESTÃO FINANCEIRA

Diante da crescente complexidade do ambiente globalizado e altamente competitivo, no qual estão inseridas as organizações, torna-se cada vez mais necessário à aplicação da gestão financeira e o desenvolvimento de uma visão macro da organização, pois a tomada de decisão deve estar balizada em determinados conceitos da administração para permitir decisões com qualidade e a viabilidade do empreendimento. Groppelli e Nikbakht (2002) definem gestão financeira como a aplicação de uma série de princípios financeiros e econômicos visando maximizar a riqueza ou o valor total de um empreendimento.

Sob essa perspectiva, Hoji (2011) complementa que, essa maximização do valor de mercado de uma empresa acontece através da geração contínua de lucro e caixa a longo prazo,



efetuando as atividades inerentes ao seu objeto social, logo, com o aumento do valor da organização o proprietário ou acionista consequentemente aumenta a sua riqueza.

Assim sendo, segundo Nascimento, Pereira e Hoeltgebaum (2010), nos últimos anos a avaliação do desempenho financeiro no contexto empresarial vem se tornando uma ferramenta necessária na gestão das organizações, onde a mensuração da insolvência conjectura-se como uma das inúmeras dificuldades as quais as empresas estão suscetíveis, e a análise das demonstrações contábeis auxilia na obtenção dessas informações sobre o desempenho organizacional.

Contribuindo Krauter, Sousa e Luporini (2005) apresentam alguns dos modelos de previsão de insolvência que apesar das suas limitações, foram desenvolvidos para serem usados por agentes externos a empresa, com a finalidade de emitir sinais de alerta. Entre eles, está o modelo de Kanitz (1978), de Elisabetsky (1976), de Matias (1978), de Altman (1979) e de Pereira (1982). Para os autores, a principal limitação desses modelos é tentar prever situações futuras utilizando dados passados, e, além disso, a avaliação de índices em um determinado período não é suficiente, isso porque uma organização com dificuldades financeiras pode recuperar-se no período seguinte à análise, e vice-versa.

2.1. INFORMAÇÕES CONTÁBEIS

A análise de informações contábeis ou financeiras e a análise de balanços apresentam o mesmo foco e tem seu desenvolvimento com base nos dados do balanço patrimonial e da demonstração de resultado, sendo que, entre seus principais usuários estão os administradores da empresa, acionistas e investidores, instituições financeiras, fornecedores clientes e órgãos governamentais, sendo que cada grupo enfoca a análise de acordo com cada necessidade (HOJI, 2010).

No que se refere à análise de balanço, segundo Padoveze (2008) essa é constituída por meio de um processo de reflexão sobre os demonstrativos contábeis, com o propósito de avaliar a situação de determinada empresa em todos os seus aspectos, detectando seus pontos fracos e seus pontos fortes desde o processo operacional ao financeiro, a fim de propor alternativas de curso futuro a serem tomadas e seguidas pelos gestores da mesma.

Conforme a explicação de Ferrari (2009), essas demonstrações contábeis, constituem quadros técnicos, que tem por finalidade a exposição clara, sistematizada e objetiva da situação patrimonial, econômica e financeira de uma empresa. Nesse sentido, embora não sendo exigida por lei, a análise das demonstrações é fundamental para que se possa diagnosticar qual a situação da empresa, tanto no que se refere a termos estáticos (situação atual) quanto em termos dinâmicos (variações ao longo do tempo).

Para Salazar e Benedicto (2004) a análise da demonstração financeira pode ser usada por qualquer empresa independentemente do seu ramo de atividade, e estas informações podem ser utilizadas para melhorar o desempenho, prever como as decisões estratégicas ou a expansão das atividades econômicas, sendo capazes de afetar os desempenhos financeiros futuros.

Através da análise de balanços, uma organização consegue fornecer aos seus gestores informações técnicas importantes para o processo de tomada de decisões futuras e propor novas ideias para melhorar o que não estiver de acordo com as metas financeiras estabelecidas pela administração, além de diagnosticar possíveis pontos fracos e buscar a melhoria dos mesmos.



2.2. ANÁLISE ATRAVÉS DE ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS

A análise das demonstrações contábeis proporciona à gestão financeira recursos que orientam para a tomada de decisão, permitindo a análise de resultados envolvendo a estrutura de patrimônio da empresa, bem como suas contas quando aplicada as análises horizontais e verticais, proporcionando o conhecimento a respeito de seus índices de liquidez, atividade, endividamento e de rentabilidade.

Sob esse enfoque, Soares, Machado e Schumacher (2010) argumentam que apenas a apuração dos tributos e a demonstração dos resultados nos dias de hoje não são suficientes. Isso porque, o governo exige a agregação de riqueza à economia e o pagamento dos tributos, a sociedade por sua vez procura informações sobre o impacto da atividade no meio ambiente. Já os credores pretendem calcular o nível de endividamento bem como a probabilidade do pagamento das dívidas e, os gerentes buscam informações para auxiliar o processo decisório, diminuindo as incertezas. Diante disso, a relevância da análise econômico-financeira realizada a partir das demonstrações contábeis, proporcionando dados de cunho econômico-administrativo aos seus diversos usuários.

Na percepção de Matarazzo (2003) entende-se por índice a relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações financeiras, sendo que constituem a técnica de análise mais empregada, apresentando como característica principal fornecer uma visão ampla da situação econômica ou financeira de uma empresa, servindo de medida para esses diversos aspectos.

De acordo com Marion (2009), os índices são relações que se estabelecem entre duas grandezas, facilitando assim sensivelmente o trabalho do analista uma vez que a análise de certas relações ou percentuais é mais significativa do que a observação apenas dos montantes.

Os indicadores econômico-financeiros são os elementos que tradicionalmente representam o conceito de análise de balanço, sendo cálculos matemáticos efetuados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, buscando números que ajudem no processo de clarificação para o entendimento da situação da empresa, em seus aspectos patrimoniais, financeiros e de rentabilidade (PADOVEZE, 2008).

Complementando essa visão, Gitman (2010) coloca que a análise desses indicadores não se refere apenas ao cálculo de determinado índice, indo muito além, ou seja, para interpretação do valor desse índice, portanto é necessário que exista uma base significativa para fazer uma comparação, saber se está “alto ou baixo demais?”, se está “bom ou ruim?”.

A utilização dos índices financeiros possibilita aos gestores de uma organização saber qual a verdadeira situação da empresa naquele momento em seus vários aspectos, e a partir disso ter um controle financeiro adequado às suas necessidades, mensurar e avaliar esses resultados obtidos até então comparando esses índices com outras empresas do mesmo setor para saber se está adequado ou não a realidade atual.

Os índices financeiros podem ser classificados em: índices de liquidez, índices de atividade, índices de endividamento e índices de rentabilidade, a seguir descritos.

2.2.1. ÍNDICES DE LIQUIDEZ

Os índices de liquidez têm como finalidade avaliar a capacidade financeira de uma organização no sentido desta satisfazer os seus compromissos financeiros assumidos junto a terceiros, ou seja, se a empresa possui ou não capacidade de cumprir as obrigações assumidas conforme elas forem vencendo. Para Gitman (2010) a liquidez de uma empresa é medida em termos de sua capacidade de saldar suas obrigações de curto prazo conforme se tornam devidas, se refere à solvência da posição financeira geral da empresa, ou seja, a facilidade com



que pode pagar suas contas em dia. Como antecedente comum de dificuldades financeiras é uma liquidez baixa ou em declínio, portanto esses índices podem fornecer sinais antecipados de problemas de fluxo de caixa e insolvência da empresa.

Portanto, é através da aplicação dos índices de liquidez que as organizações podem retirar informações de suma importância e se antecipar a possíveis problemas de solvência no futuro e manter assim uma saúde financeira adequada aos objetivos da mesma.

2.2.1.1. ÍNDICE DE LIQUIDEZ CORRENTE

O índice de liquidez corrente para Ferrari (2009) mede a capacidade de a organização pagar suas dívidas a curto prazo, utilizando os recursos aplicados no ativo circulante. Em resumo, quanto maior for o ciclo operacional de uma empresa, maior será a necessidade de um elevado índice de liquidez corrente, e calcula-se a liquidez corrente da seguinte maneira:

$$\text{Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}} \quad (1)$$

O valor identificado neste índice é analisado da seguinte forma, ou seja, se este valor for superior a R\$ 1,00 demonstra uma situação onde o capital circulante, ou seja, o capital de giro, líquido é positivo. No caso de apresentar valor igual a R\$ 1,00 entende-se como a inexistência de capital circulante e, valores inferiores a R\$ 1,00 determinam que existe um capital de giro negativo. Em outras palavras, aponta quanto à empresa possui no Ativo Circulante para cada R\$ 1,00 de Passivo Circulante.

2.2.1.2. ÍNDICE DE LIQUIDEZ SECA

Este indicador revela a capacidade financeira líquida da empresa para cumprir os compromissos de curto prazo, ou seja, quanto à empresa tem de Ativo Circulante Líquido para cada R\$ 1,00 do Passivo Circulante, e sua interpretação é da seguinte maneira: quanto maior este quociente, melhor (RIBEIRO, 2009).

$$\text{Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}} \quad (2)$$

Cabe aqui ressaltar, que não necessariamente um índice de liquidez seca baixo significa uma situação financeira desconfortável, nesses casos para uma melhor precisão de análise o aconselhável é insistir na comparação desse indicador com outras empresas do mesmo ramo de atuação.

2.2.1.3 ÍNDICE DE LIQUIDEZ IMEDIATA

Na visão de Ferrari (2009) o índice de liquidez imediata demonstra a capacidade imediata de a empresa pagar suas obrigações em curto prazo, onde a necessidade de um maior ou menor valor está intimamente relacionada ao ramo de atividades da organização. E apresenta ainda como regra geral que consiste no seguinte: as organizações que realizam a maioria de suas operações à vista têm maior necessidade de elevados índices de liquidez imediata, como também as instituições financeiras necessitam de valores altos para tais índices.

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Passivo Circulante}} \quad (3)$$

Esse indicador faz uma comparação entre o que a empresa possui de disponibilidades e de passivo circulante, e constitui-se para efeito de análise um índice não tão importante,

inclusive de pouco significado para os analistas externos. No entanto, a empresa deve ter como política certos limites de segurança, não necessitando ter esse índice muito elevado, isso porque caixa e bancos perdem o poder aquisitivo devido à inflação, em contrapartida sucessivas reduções, acompanhadas de constantes e crescentes atrasos a pagamentos a fornecedores pode significar um sinal de alerta.

2.2.2. ÍNDICES DE ATIVIDADE

Os índices de atividade representam as movimentações sofridas pelos valores empregados na empresa, ou seja, quanto tempo a empresa demora a recuperar os investimentos gastos, para pagar fornecedores e receber de seus clientes, ajuda a entender melhor a situação da empresa a partir do momento em que se avalia seu ciclo operacional. Muller e Antonik (2008) explicam que estes indicadores são usados para medir a velocidade de transformação das vendas em caixa, seus ciclos de pagamentos bem como a gestão de estoques da empresa, sendo importantes ferramentas de controle gerencial.

Através da aplicação desses indicadores em uma empresa é possível conhecer a evolução do seu ciclo operacional, seus prazos em média de pagamento de fornecedores, aspectos como o capital de giro e assim permite a mesma desenvolver políticas adequadas de acordo com o seu giro durante aquele determinado período e adotar as melhores práticas visando adequar a sua realidade de mercado.

2.2.2.1. GIRO DE ESTOQUE

Entende-se por giro de estoque na visão de Silva (2008) o número de dias, em média, que os produtos ficam armazenados antes de serem vendidos, sendo que a quantidade de estoque mantido por uma organização depende do seu volume de vendas e da política de estocagem adotado pela mesma. O mesmo autor descreve ainda que quanto maior o volume de estoques, conseqüentemente mais recursos a organização estará comprometendo com eles, isso porque além dos custos de aquisição ou fabricação há uma série de outros gastos como armazenagem, seguros.

Segundo Santos et al. (2009) o sucesso ou fracasso de muitas empresas encontra-se através da gestão de estoque, isso porque uma gestão adequada permite importantes ganhos com eficiência, redução de falhas e custos, rapidez, confiabilidade, entre outros. Para os autores, o objetivo do controle de estoque é otimizar o investimento no mesmo, aumentando o uso dos recursos internos da empresa e diminuindo as necessidades de capital investido, sendo este portanto, um fator de suma importância para uma empresa, em razão de que se controla o desperdício, desvios, calculam-se valores para fins de análise, bem como, apura o demasiado investimento, o qual prejudica o capital de giro.

O giro de estoque de acordo com Gitman (2010) é apurado da seguinte forma:

$$\text{Giro de Estoque} = \frac{\text{Custos das Mercadorias Vendidas}}{\text{Estoque}} \quad (4)$$

Nesse sentido, o giro de estoque aponta, em média, quantos dias a empresa espera para vender seus produtos em estoque, mensura, portanto a atividade ou liquidez do estoque da organização. Para efeitos de estudo quanto maior a rapidez de renovação dos estoques melhor, entretanto para obter uma interpretação mais relevante para a análise faz-se necessário à comparação entre outras empresas do setor ou até mesmo na própria empresa realizando a comparação com os anos anteriores.



2.2.2.2. PRAZO MÉDIO DE PAGAMENTO

O prazo médio de pagamento segundo Padoveze (2008) tem como finalidade indicar o prazo médio que a empresa consegue pagar seus fornecedores de materiais e serviços, nesse caso, a empresa é dependente da política de crédito que os fornecedores conseguem adotar.

Para encontrar esse índice conforme Marion (2009) basta fazer:

$$\text{Prazo Médio de Pagamento} = \frac{360 \text{ dias} \times \text{Fornecedores}}{\text{Compras (CMV)}} \quad (5)$$

Esse índice revela, em média, quantos dias a organização leva para pagar compras efetuadas, ele está intimamente relacionado com as condições de crédito obtidas pela empresa junto aos fornecedores. Para fins de análise, quanto mais lento for o pagamento das compras, desde que isso não signifique a atrasos, melhor.

2.2.2.3. GIRO DO ATIVO TOTAL

Na descrição de Ribeiro (2009) esta medida avalia a proporção existente entre o volume de vendas e os investimentos totais efetuados na empresa, ou seja, quanto a empresa vendeu para cada R\$ 1,00 de investimento total, e sua interpretação deve ser direcionada para verificar se o volume das vendas realizadas no período foi adequado em relação ao capital total investido na empresa, quanto maior este índice melhor.

$$\text{Giro do Ativo Total} = \frac{\text{Vendas Líquidas}}{\text{Ativo Total}} \quad (6)$$

Esse indicador revela a capacidade com que a organização utiliza seus ativos para gerar vendas, ou seja, quantas vezes a empresa gira seus ativos durante o ano. Ressalta-se que o sucesso de um empreendimento está intimamente relacionado em primeiro lugar com o volume adequado de vendas, em outras palavras não se pode dizer que uma organização está vendendo extremamente bem ou pouco se limitando a ver apenas o valor absoluto de suas vendas.

2.2.2.4. CAPITAL DE GIRO LÍQUIDO

Em relação ao capital de giro líquido Hoji (2010) explica que também é conhecido como capital circulante líquido se refere aos recursos aplicados em ativos circulantes, dentre os quais se transformam constantemente dentro do ciclo operacional de uma organização. E prossegue expondo como o próprio nome sugere o capital de giro fica girando dentro da organização até se transformar novamente em dinheiro, isso porque o valor inicial do capital de giro vai sofrendo acréscimo a cada transformação, de modo que quando o capital retornar ao estado de dinheiro, ou seja, ao completar o ciclo operacional, deverá estar maior que o valor inicial. Para se obter o capital de giro líquido basta fazer o seguinte:

$$\text{Capital de Giro Líquido} = \text{Ativo Circulante} - \text{Passivo Circulante} \quad (7)$$

Sua interpretação consiste no fato de que quando a soma dos componentes do ativo for maior que a soma dos componentes do passivo, o capital de giro líquido é positivo, em contrapartida se a soma dos componentes do ativo for menor que a soma dos componentes do passivo ele é negativo. E se por ventura a soma do ativo for igual à soma do passivo, logo o capital de giro líquido é nulo.

2.2.3. ÍNDICES DE ENVIDAMENTO

Os índices de endividamento informam a relação das origens de recursos entre si, isto é, revela o grau de dependência que a empresa possui em relação ao capital de terceiros. Assaf



Neto e Lima (2009) relatam que esses indicadores são utilizados basicamente para auferir a composição das fontes passivas de recursos de determinada empresa, portanto ilustram quanto de recursos próprios e de recursos de terceiros são utilizados para financiar os ativos totais da empresa.

Em outras palavras, esse índice possibilita conhecer o nível de endividamento de uma organização, de onde provêm os recursos que a empresa dispõe para a realização de suas atividades diárias, ou seja, qual a real proporção de recursos próprios e de terceiros na empresa, e ainda permite saber qual dessas fontes a mesma utiliza em maior número.

2.2.3.1. ÍNDICE DE ENDIVIDAMENTO GERAL

Conforme Gitman (2010) o índice de endividamento geral mensura a proporção do ativo total financiada pelos credores da empresa, onde quanto maior for esse índice, mais elevado é o montante de capital de terceiros usado para gerar lucros.

$$\text{Endividamento Geral} = \frac{\text{Passivo Total}}{\text{Ativo Total}} \quad (8)$$

Portanto, esse índice revela a porcentagem do ativo total financiado por recursos provenientes de terceiros, assim sendo quanto mais elevado for, maior é o grau de endividamento da empresa.

2.2.3.2. ÍNDICE DE COBERTURA DE JUROS

Com relação aos índices de cobertura de juros Brigham e Ehrhardt (2006) esclarecem que este índice é determinado dividindo os lucros antes de juros e imposto de renda (LAJIR) pelas despesas de juros, e mede, portanto quanto o lucro operacional pode declinar antes que a empresa se torne incapaz de cumprir com seus custos anuais de juros.

$$\text{Cobertura de Juros} = \frac{\text{Lucro antes de Juros e Imposto de Renda}}{\text{Despesas de Juros}} \quad (9)$$

O índice de cobertura de juros mensura a capacidade de organização honrar suas despesas financeiras, onde se sugere um valor de no mínimo 3,0 sendo que um valor abaixo disso pode ser considerado preocupante, e preferencialmente o mais próximo de 5,0 possível.

2.2.4. ÍNDICES DE RENTABILIDADE

Partindo do princípio que o objetivo de uma empresa é a obtenção de lucro, a aplicação dos índices de rentabilidade permite mensurar esses lucros em relação ao volume de investimentos realizados. Sendo assim, Reis (2009) afirma que todo empresário ou investidor espera que o capital investido seja adequadamente remunerado e, em contrapartida, os financiadores ou fornecedores de capital desejam ter a certeza de que o financiado é capaz de gerar lucro o suficiente para remunerar seus ativos e conseguir saldar os financiamentos.

Pode-se considerar que o grande objetivo de um empreendedor ao abrir uma empresa ou investir em uma ideia é que esse negócio gere lucro, nesse sentido os índices de rentabilidade são índices aplicados pelos analistas ou gestores de uma organização na busca de identificar se esse tão sonhado empreendimento está rendendo o tanto esperado ou o contrário, se essa ideia virou apenas um fracasso, uma tentativa que não deu certo.



2.2.4.1. MARGEM DE LUCRO BRUTO

Conforme destacado por Hoji (2010) este índice aponta quanto à empresa obtém de lucro bruto para cada R\$ 1,00 de receita líquida, portanto a importância desse índice para saber o quanto estão rendendo os capitais investidos na empresa.

$$\text{Margem de Lucro Bruto} = \frac{\text{Lucro Bruto}}{\text{Receita Líquida}} \quad (10)$$

Esse índice aponta quanto à organização conseguiu de margem de lucro nas suas operações com vendas de mercadorias, ou seja, qual a porcentagem de lucro que corresponde à receita líquida de vendas da empresa.

2.2.4.2. MARGEM DE LUCRO LÍQUIDO

Silva (2007) afirma que este índice, também conhecido como retorno sobre as vendas, confronta o lucro líquido em relação às vendas líquidas do período, apresentando o percentual de lucratividade gerado, onde muitos fatores podem influenciar a rentabilidade sobre as vendas, dentre os quais o ramo de atividade, a rotação dos estoques, os mercados, custos de produção, produtividade entre outros, e ressalta ainda que quanto maior, melhor.

$$\text{Margem de Lucro Líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Vendas Líquidas}} \quad (11)$$

A margem de lucro líquido corresponde à porcentagem de vendas líquidas para cada R\$ 1,00 de vendas que resta após a dedução dos custos operacionais, despesas e tributos, sendo que quanto maior for este quociente maiores serão os lucros obtidos pela organização.

2.2.4.3. RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO (ROI)

Na visão de Silva (2008) o retorno sobre o investimento representa a lucratividade que a empresa proporciona em relação aos investimentos totais realizados, sendo este um conceito bastante utilizado na área financeira, caracterizando o lucro como uma espécie de prêmio pelo risco assumido no negócio, e sua interpretação é que quanto maior esse indicador, melhor.

Conforme Marion (2009), o cálculo pode ser processado por meio da seguinte expressão:

$$\text{Retorno sobre Investimento} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} \quad (12)$$

Sendo que representa o poder de ganho da organização, ou seja, indica quanto à empresa tem de ganho para cada R\$ 1,00 investido na mesma.

2.2.4.4. RETORNO SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO (ROE)

O retorno sobre o patrimônio líquido para Groppelli e Nikbakht (2002) está descrito como o índice com o propósito apontar qual a taxa de retorno dos acionistas, e tanto eles quanto os analistas de mercado de capitais se interessam muito por esse indicador. De maneira geral, quanto maior for o retorno, mais interessante é a ação da empresa.

Marion (2009) expõe que este índice pode ser calculado utilizando-se a expressão abaixo:

$$\text{Retorno sobre Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \quad (13)$$



E significa, portanto, o poder de ganho dos proprietários, assim sendo representa para cada R\$ 1,00 investido na organização quanto seus proprietários ou acionistas conseguem obter de ganho.

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se, quanto à natureza como quantitativa. Na visão de Michel (2009) a pesquisa quantitativa, parte do princípio que tudo pode ser quantificável, sejam opiniões, informações serão mais bem entendidas se transformadas em números.

Quanto aos objetivos classifica-se como uma pesquisa exploratória e descritiva. De acordo Gonsalves (2007) a pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, tendo por objetivo proporcionar uma primeira aproximação de um determinado fenômeno. No caso da pesquisa descritiva, segundo explicam Collis e Hussey (2005) tem como propósito descrever o comportamento dos fenômenos, sendo utilizada para identificar e obter informações sobre as características de um determinado problema ou questão.

Quanto aos procedimentos técnicos essa pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, realizado em uma empresa de comércio e prestação de serviços. O estudo de caso, conforme Gil (2010) consiste no estudo intenso e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento.

Para possibilitar o embasamento teórico deste trabalho, as informações foram obtidas por meio de pesquisa bibliográfica e levantamento de informações através de fontes secundárias, enquanto que para a coleta dos dados foi utilizado uma pesquisa documental em documentos fornecidos pela empresa em estudo. A pesquisa bibliográfica para Severino (2007) caracteriza-se como aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos tais como livros, artigos etc. No que se refere aos dados secundários, na percepção de Malhotra (2005) significam quaisquer dados que já foram coletados para outros fins além do problema em questão.

E a pesquisa documental, esclarece Martins (2010), tem como propósito coletar informações relevantes para o estudo em geral ou para a realização de um trabalho em particular a partir da consulta a documentos e registros que confirmem determinado fato, isto é, documentos considerados cientificamente autênticos.

O acesso às informações foi através dos demonstrativos de resultado do exercício e do balanço patrimonial, realizado pelo contador que atende a organização em estudo, sendo que o período de análise compreende três ciclos, ou seja, os anos de 2008, 2009 e 2010 respectivamente. Ressalta-se que não foi possível aplicar outros indicadores disponíveis para análise em função da falta de informações mais detalhadas apresentadas nos demonstrativos. O desenvolvimento dos índices foi apoiado pelo *software* Excel onde foram inseridas as respectivas fórmulas elencadas no referencial teórico e a apresentação dos resultados ocorreu através de tabelas a seguir expostas.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho foi realizado com base no estudo de caso de uma empresa de comércio e prestação de serviços, localizada na região central do Rio Grande do Sul. A empresa em questão tem mais de 75 anos de atuação no mercado e, opera no comércio de tecidos em geral, espumas e prestação de serviços, tendo como diferencial sua experiência de mercado no ramo de estofaria.

A partir do estudo realizado, apresentam-se na sequência os resultados discutidos a fim de proporcionar um maior entendimento sobre a situação econômica e financeira da empresa.

4.1. ÍNDICES DE LIQUIDEZ

Os índices de liquidez calculados para a empresa em estudo estão apresentados na Tabela 1 sendo decorrentes da aplicação de conceitos e fórmulas descritos na revisão bibliográfica.

Tabela 1: Índices de Liquidez

Índices de Liquidez	2010	2009	2008
Índice de Liquidez Corrente	11,20	18,77	12,60
Índice de Liquidez Seca	2,13	2,49	1,70
Índice de Liquidez Imediata	1,35	1,03	1,40

A análise dos indicadores de liquidez possibilita a percepção sobre as ações da organização para a liquidação de suas dívidas. Percebe-se com o presente estudo, que o índice de liquidez corrente apresenta-se elevado, sendo que, no ano de 2009 houve uma redução nos exigíveis de curto prazo afetando diretamente o índice. O ano de 2010 em relação a 2008 proporciona a percepção de estabilidade do índice, demonstrando com os valores acima de R\$ 1,00 que a empresa possui o seu capital de giro líquido positivo, apresentando dessa forma, a capacidade de honrar suas dívidas de curto prazo.

Em relação ao índice de liquidez seca, conforme os valores obtidos proporcionam a avaliação de que a empresa desenvolveu ações que possibilitaram como resultado a melhoria desse índice, sendo que, em 2010 para cada real alocado no passivo circulante, apresentou R\$ 2,13 alocados em ativo circulante líquido. Já o índice de liquidez imediata demonstra que, para cada R\$ 1,00 do passivo circulante a empresa conta com R\$ 1,35 de disponibilidades imediatas.

Os índices de liquidez apresentados pela empresa permitem identificar que os bens e direitos de curto prazo possuem percentuais superiores às obrigações da empresa no período de curto prazo. Sendo assim, a empresa possui capacidade financeira para honrar seus compromissos.

4.2. ÍNDICES DE ATIVIDADE

O desenvolvimento dos índices de atividade aplicados aos demonstrativos da empresa estão apresentados na Tabela 2.

Tabela 2: Índices de Atividade

Índices de Atividade	2010	2009	2008
Giro de Estoque	352,98	274,91	256,76
Prazo Médio de Pagamento	40,50	29,03	46,29
Giro do Ativo Total	1,11	0,98	0,91
Capital de Giro Líquido	R\$ 990.122,16	R\$ 964.907,95	R\$ 975.176,06



A análise do índice de atividade relacionado ao giro de estoque demonstra que ocorreu um acréscimo do volume de capital alocado na conta estoques, pois o prazo de rotatividade do estoque apresentou um aumento do número de dias na relação entre os anos de 2008 a 2010. No ano de 2008, o giro de estoque estava em 256,76 dias, sendo que para o ano de 2009 houve um aumento de 7%. Na relação entre os anos de 2009 e 2010 novamente houve um aumento no prazo de giro de estoque representando 28,4% a mais, demonstrando assim, um baixo índice de liquidez de seus estoques.

O prazo médio de pagamento apresentou o melhor índice no ano de 2008, alcançando o ciclo de 46,29 dias. Para o ano de 2009, houve uma alteração significativa na performance da empresa, demonstrado pela redução no prazo médio de pagamento a 29,03 dias, sendo que no ano de 2010 percebeu-se uma retomada de um índice mais favorável a empresa, atingindo um índice de 40,50 dias para o pagamento de seus fornecedores. Este índice possibilita identificar que as condições de crédito da empresa frente a seus fornecedores sofreram uma redução no período de 2009, mas foi possível melhorar este índice já para o ano de 2010.

A empresa apresentava um índice de giro de ativo total no ano de 2008 de R\$ 0,91 em faturamento de vendas em relação a cada R\$ 1,00 de investimento total realizado. Já para o ano de 2009, observou-se um melhora neste índice, mesmo que ainda apresente a relação de R\$ 0,98 para cada R\$ 1,00 de investimento total. O ano de 2010 manteve um índice de recuperação para este indicador, proporcionando atingir o nível de R\$ 1,11 de vendas realizadas para cada R\$ 1,00 de investimento total. Percebe-se que a empresa melhorou a sua capacidade de utilização de seus ativos para o retorno em vendas entre o ano de 2008 para 2010.

Nota-se que o capital de giro líquido da empresa ocorreu poucas variações, na relação entre os três anos, sendo um valor considerável de capital investido na manutenção da organização.

4.3. ÍNDICES DE ENDIVIDAMENTO

A relação das origens de recursos encontram-se expostos na Tabela 3, apresentando os índices referentes à composição das fontes passivas de recursos adotados pela empresa.

Tabela 3: Índices de Endividamento

Índices de Endividamento	2010	2009	2008
Índice de Endividamento Geral	0,95	0,97	0,47
Índice de Cobertura de Juros	28,90	26,90	13,41

O índice de endividamento geral da empresa em estudo permitiu identificar que o nível de endividamento, ou seja, o volume de capital financiado de recursos de terceiros apresenta um aumento considerável se comparado ao índice obtido no ano de 2008. Neste ano, para cada R\$ 1,00 investido no ativo total R\$ 0,47 eram provenientes de capital de terceiros. Para o ano de 2009 este índice passa a ter para cada R\$ 1,00 investido R\$ 0,97 de capital de terceiros. O ano de 2010 apresentou uma pequena melhora no desempenho passando a representar a relação de R\$ 1,00 para R\$ 0,95 de capital de terceiros.

O índice de cobertura de juros apresentado pela empresa parte de 13,41 pontos no ano de 2008, passando a apresentar 26,90 pontos em 2009 e 28,90 em 2010, o que possibilitou avaliar que a empresa possui uma forte capacidade para atender aos custos com juros decorrentes de suas operações.



4.4. ÍNDICES DE RENTABILIDADE

Os índices de rentabilidade desenvolvidos pela empresa e calculados estão apresentados na Tabela 4.

Tabela 4: Índices de Rentabilidade

Índices de Rentabilidade	2010	2009	2008
Margem de Lucro Bruto	0,29	0,33	0,33
Margem de Lucro Líquido	0,01	0,02	0,04
Retorno sobre Investimento	0,01	0,02	0,03
Retorno sobre Patrimônio Líquido	0,30	0,44	0,06

Foi possível identificar, em relação à margem de lucro bruto que no ano de 2008 a empresa apresentava uma margem de lucro de R\$ 0,33 para cada R\$ 1,00 de receita líquida. Esta performance manteve-se no ano de 2009 apresentando o mesmo índice. Para o ano de 2010, observa-se a redução na margem que passou a operar na relação de R\$ 0,29 para cada R\$ 1,00.

A análise dos índices relacionados à margem de lucro líquido demonstrou que houve uma redução no lucro líquido. Para o ano de 2008, a empresa apresentava uma margem de lucro líquido de R\$ 0,04 para cada R\$ 1,00 de vendas líquidas executadas no período. Esta margem sofre redução no ano de 2009 passando a apresentar R\$ 0,02 para cada R\$ 1,00 de vendas líquidas desenvolvidas no período. Esta margem sofre uma nova redução no ano de 2010 gerando a relação de R\$ 0,01 de margem de líquida para cada R\$ 1,00 computado de vendas líquidas.

Em relação ao retorno sobre o investimento, os índices calculados apresentaram uma redução nos anos em análise. No ano de 2008 a empresa apresentou para cada R\$ 1,00 investido o retorno de R\$ 0,03. Esta relação reduz-se a R\$ 0,02 para cada R\$ 1,00 investidos apresentando uma redução do retorno dos investimentos na ordem 33,34% em relação ao ano de 2008. Novamente para o ano de 2009, houve uma redução no retorno caindo para R\$ 0,01 para cada R\$ 1,00, apresentando uma redução na ordem de 50% em relação ao ano de 2009 e de 66,66% se comparado ao desempenho de 2008.

A avaliação referente ao retorno sobre o patrimônio líquido demonstra que no ano de 2008 a empresa apresentou um retorno de R\$ 0,06 para cada R\$ 1,00 investido por seus proprietários, já para o ano de 2009 apresentou um retorno de R\$ 0,44 para cada R\$ 1,00 investido, muito em decorrência do reinvestimento dos lucros retidos nas atividades da empresa. Para o ano de 2010, o retorno sobre o patrimônio líquido passou a ser de R\$ 0,30 para cada R\$ 1,00 investido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo realizou uma análise em uma empresa de comércio e prestação de serviços, por meio de indicadores econômicos e financeiros. Utilizou-se para tanto, valores reais obtidos das demonstrações de resultado e do balanço patrimonial dos anos de 2008, 2009 e 2010, fornecidos pelo contador da empresa.

Verificou-se em relação aos índices de liquidez que a empresa em estudo apresenta resultados satisfatórios, ou seja, durante os períodos analisados a mesma demonstra capacidade suficiente de honrar suas dívidas e compromissos de curto prazo. Salienta-se que a empresa deve avaliar periodicamente esses índices para evitar distorções como verificada no



índice de liquidez imediata no ano de 2009 quando não seguiu a tendência dos demais índices de liquidez.

Com base nas análises realizadas, no que se refere aos índices de atividade, constatou-se que a empresa apresenta um problema referente ao seu giro de estoque, ou seja, o prazo médio de renovação dos estoques apresenta índices elevados e aumentou do ano de 2008 para 2010. Esse é um fator preocupante, porque pode levar a empresa a enfrentar sérios problemas financeiros. Como, a falta de capital de giro, o que conseqüentemente, comprometerá o fluxo de caixa, trazendo danos à saúde financeira da empresa, ao não considerar o custo para manter esses estoques e também na possibilidade desses recursos estarem aplicados em algum investimento rentável.

Quanto aos índices de endividamento, verificou-se através dos dados obtidos, que a empresa possui um elevado grau de endividamento, ou seja, a proporção dos recursos provenientes de terceiros usados para gerar lucros atingiu o percentual de 95% no ano de 2010. Deixa-se como sugestão a atuação da gestão financeira para gerar alternativas que financiem as atividades com formas diversificadas de financiamento.

Na visão de Matarazzo (2003), pode-se afirmar que do ponto de vista estritamente financeiro, quanto maior a relação capitais terceiros versus patrimônio líquido menor a liberdade de decisões financeiras da empresa ou maior a dependência a esses terceiros, e do ponto de vista de obtenção de lucro, pode ser proveitoso para a empresa trabalhar com capitais de terceiros, se a remuneração paga a esses capitais de terceiros for menor do que o lucro conseguido com a sua aplicação nos negócios.

Os índices de rentabilidade se apresentam positivos, demonstrando que a gestão desenvolve atividades nesse sentido. Cabe a empresa melhorar as relações de rentabilidade associadas ao giro de estoque que influenciam na margem de lucro líquido e retorno sobre o investimento, sendo que o lucro produzido pela empresa encontra-se imobilizados em estoque. Visando melhores possibilidades, coloca-se como alternativa para a empresa, buscar através de uma política de gestão de estoques, procedimentos para se chegar a um ponto de equilíbrio entre a disponibilidade do produto e o custo na manutenção e armazenamento desse.

O presente estudo efetuou a análise econômica e financeira em uma empresa de comércio e prestação de serviços, através da aplicação dos índices de liquidez, atividade, endividamento e rentabilidade, e, como sugestões de pesquisas futuras que poderiam ser feitas para acrescentar ainda mais ao tema, além de replicar esta pesquisa em empresas de outros segmentos da economia, caberia também a aplicação dos modelos de previsão de insolvência para auxiliar na identificação de alguma situação de risco ao longo da existência da empresa.

6. REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. Curso de administração financeira. São Paulo: Atlas, 2009.

BRIGHAM, E. F.; EHRHARDT, M. C. Administração financeira: teoria e prática. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2006.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

FERRARI, E. L. Análise de balanços: análise de demonstrações financeiras. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GITMAN, L. J. Princípios de administração financeira. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

GONSALVES, E. P. Conversas sobre iniciação à pesquisa científica. 4. ed. São Paulo: Alínea, 2007.



- GROPPELLI, A. A.; NIKBAKHT, E.** Administração financeira. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOJI, M.** Administração financeira e orçamentária: matemática financeira aplicada, estratégias financeira, orçamento empresarial. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- _____. Administração financeira na prática: guia para educação financeira corporativa e gestão financeira pessoal. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- KRAUTER, E.; SOUSA, A. F.; LUPORINI, C. E. M.** Uma contribuição para a previsão de solvência das empresas. São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.ead.fea.usp.br/semead/9semead/resultado_semead/trabalhosPDF/67.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2011.
- MALHOTRA, N. K. et al.** Introdução à pesquisa de marketing. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.
- MARION, J. C.** Análise das demonstrações contábeis: contabilidade empresarial. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MARTINS, R. B.** Metodologia científica: como tornar mais agradável a elaboração de trabalhos acadêmicos. Curitiba: Juruá, 2010.
- MATARAZZO, D. C.** Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MICHEL, M. H.** Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- MULLER, A. N; ANTONICK, L. R.** Análise financeira: uma visão gerencial: guia prático com sugestões e indicações da análise financeira das organizações. São Paulo: Atlas, 2008.
- NASCIMENTO, S.; PEREIRA, A. M; HOELTGEBAUM, M.** Aplicação dos modelos de previsão de insolvências nas grandes empresas aéreas brasileiras. Revista de Contabilidade do Mestrado em Ciências Contábeis da UERJ (online), Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 40-51, jan./abr., 2010. Disponível em: <<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/UERJ/article/viewFile/887/847>>. Acesso em: 27 ago. 2011.
- PADOVEZE, C. L.** Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- REIS, A. C. R.** Demonstrações contábeis: estrutura e análise. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- RIBEIRO, O. M.** Estrutura e análise de balanço fácil. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- SALAZAR, J. N. A.; BENEDICTO, G. C.** Contabilidade financeira. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2004.
- SANTOS, G. A. et al.** Gestão de estoque: um fator de obtenção de lucro através de sua eficiência. São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC28331619803.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2011.
- SEVERINO, A. J.** Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, A. A.** Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis. São Paulo: Atlas, 2007.
- SILVA, J. P.** Análise financeira das empresas. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- SOARES, C. S.; MACHADO, T. A.; SCHUMACHER, L. I.** Aplicação de modelos de previsão de insolvência em empresa com situação de risco. Contabilidade e Informação, Ijuí, n. 33, p. 31-41, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www1.unijui.edu.br/revistas/index.php/revista-contabilidade-e-informacao-edicoesanteriores>>. Acesso em: 25 ago. 2011.